

# INTÉPRETE, EU SEREI

*Interpreter, I will be*

Márcia Atalla Pietroluongo\*

## RESUMO

Crítica à crítica universitária, ao formato que toma no cotidiano do trabalho, a suas pretensões, à esterilidade de tantos de seus resultados, e à ausência de performatividade que redunda numa certa imobilidade valorizada. Breve análise dos perfis prevalentes no campo da pesquisa universitária contemporânea. Proposta para um outro lugar de crítica acadêmica e outras posições subjetivas.

Palavras-chave: *universidade; crítica; perfis*.

## ABSTRACT

Criticism to the university critics, to the shape assumed in the day by day work, to its claims, to the sterility of so many of its outcomes, and to the absence of performativity resulting in a certain valued mobility. Brief review of profiles prevailing in the contemporary university research field. Propositions for another place of university critics and other subjective standpoints.

Keywords: *university; criticism; profiles*.

## PRÓLOGO

O texto que aqui se lê foi apresentado na mesa sobre *Tradução e Subjetividade*, no âmbito do *I Simpósio de meu grupo de pesquisa, o*

\* UFRJ.

*MULTITRAD, Abordagens Multidisciplinares da Tradução*, realizado na Unicamp, em novembro de 2011.

Trata-se de um texto que peca talvez por sua excessiva informalidade e pessoalidade. É uma tentativa de tradução de alguns antigos incômodos, visando a entender e a explorar questões de ética concernentes à pesquisa e à crítica universitária e ao campo dos Estudos da Tradução.

Este texto, dedicado afetuosamente à Maria Paula Frota e à Viviane Veras, minhas amigas e colegas de mesa, tomou a forma de uma carta a elas endereçada.

Querida Vivi, Querida Maria Paula

Neste ano, venho me arrastando na Universidade. Uma imagem próxima do meu momento seria a de ver a Universidade como aquele marido com quem a mulher não tem mais a menor compatibilidade, com quem não está rolando mais... mas com quem ela vai tentando compor... porque finalmente ela também sabe, não tem dúvidas de que ainda ama esse marido... Enfim, aquele meio de campo complexo que todos conhecemos de uma maneira ou de outra.

Assim me encontro. Este é, de fato, no vivido desse casamento com a universidade, o meu momento.

Nada sei ainda do que advirá de mim nessa relação, mas uma coisa é certa, vamos precisar mudar de brincadeira, encontrar novas formas de jogo, para que, de minha parte, jogo continue a haver. Cheguei a um momento de profundo impasse nesse binômio (im)possibilidade de relação. Felizmente, as férias grandes se aproximam e férias conjugais se impõem, o que me fará avançar internamente nessas questões, buscando, quem sabe, novas posições, novas eventualidades de encontro. Essa é toda a minha inclinação.

Minhas reclamações quanto a esse marido, como as de toda mulher, são inúmeras, infindáveis. Mas vou me centrar aqui na questão da crítica, nos moldes como comparece a crítica universitária, que todos fazemos em nosso dia a dia das mais diferentes maneiras, em nossas bancas, pareceres, em nossa postura acadêmica, na forma pela qual essa crítica tantas vezes não leva à consequência justamente a dimensão mais pungente do nosso trabalho que é aquela de fazer subjetivamente corpo com o corpo do texto, transformando este ato na própria vida do sujeito.

Um verdadeiro trabalho acadêmico, do que seria a universidade para mim, deveria responder a condições muito diversas das que estão estabelecidas.

Devemos fugir da injunção, tão habitual, de que não haja lugar para a diversidade de olhares, de que alguns tipos de textos acadêmicos sejam

mais relevantes do que outros, para fugir daquele olhar desqualificador de tudo o que não é si mesmo, para fugir daquele espírito de seita que acomete tantos grupos, os gerativos contra os funcionalistas, contra os analistas de discurso, e vice e versa, para citar só alguns.

Uma vez que a pesquisa acadêmica visa à produção de conhecimento, e não apenas à mera reprodução, este trabalho deveria ter como fundamento uma postura pronta a assumir riscos, a não aceitar ser sempre conforme, a arriscar-se para eventualmente encontrar algo do outro, a arriscar-se, aí sim, para encontrar-se outro. E, em nossas Letras, particularmente, fazer corpo com o corpo do texto. E fazer desse saber do corpo sua história de vida.

Diria, com pouco medo de errar, que a grande maioria dos trabalhos produzidos em nosso meio são falsamente analíticos, na medida em que não incorporam os saberes. Não são saberes do corpo, são saberes de outra vaidade.

Conheço poucas pessoas que buscam levar tão analiticamente a sério os efeitos de sua crítica em sua própria vida e em sua vida na universidade. Mais me parece uma crítica *blábláblá*, com uma função muito precisa, a mesma, exatamente a mesma, daquela mulher que se veste de oncinha, de zebrinha, deixando à mostra que o desejo de sedução é primeiro em relação a qualquer outra disposição.

A crítica universitária parece ter como função primordial deixar à mostra o espetáculo da inteligência. Enfim, o que se considera ser inteligente em nossos meios acadêmicos. Raramente reverbera nas atitudes, na conduta do pesquisador, e, em nosso caso, do tradutor.

Aquele pesquisador conhecido, vinte anos depois, mostra um aprofundamento na pesquisa, mas visivelmente isso, em geral, não redundou em modos de agir diferentes, em vida diversa, em conduta imprevisível do ponto inicial. É alguém que passou a vida dedicando-se à Universidade, mas que perdeu a chance de fazer do saber um corpo, de fazer corpo com o saber.

O saber do corpo por necessidade não é inteligente. O saber do corpo está na dimensão sem glamour algum do trabalho, e não na dimensão magistral do espetáculo da inteligência. O saber do corpo se tece com a história de um sujeito que precisa aprender a se despojar para aceder à sua condição de sujeito. O saber do corpo só se alça nesse despojamento. E o despojamento tem que abrir mão de qualquer artifício da inteligência, cujo móvel é a priori o de se fazer reconhecer como tal.

No meio acadêmico, dentre os professores voltados para a pesquisa acadêmica, posso identificar imediatamente a prevalência de *três perfis* e o comparecimento de *um resto*. Vamos aos perfis.

O primeiro grupo: Os *consagrados*, aqueles cujo movimento dominante é o de confirmarem-se indefinidamente, incessantemente, im-

prescritivelmente. Parecem estar sempre indo para o mesmo de si mesmo. Porém, como esse mesmo ganhou cunho de prestígio, refestelam-se na mais desinteressante e monótona repetição.

O segundo grupo: Os *siderados*, aqueles que almejam galgar, um dia, um lugar de consagração, não medindo esforços para alçar esse voo, espelhados que são não nos personagens do primeiro grupo, a quem em geral não admiram, mas nos lugares e posições que estes ocupam.

O terceiro grupo, de longe o mais relevante: Os *ressentidos*, aqueles que, de uma forma ou de outra, não conseguem se confirmar, vendo seus pedidos de verba ou projetos de pesquisa recusados repetidas vezes pelas agências de fomento, sem entender bem o porquê de não serem escolhidos, mas sempre insistindo, insistindo. O que os caracteriza mais é a necessidade avassaladora do olhar do outro que os confirme, a necessidade de serem reconhecidos.

Trata-se aqui, em relação a esses perfis, muito mais de traços, de grandes linhas, do que de categorias estanques, por uma razão muito claramente identificável: na Universidade, ninguém é verdadeiramente reconhecido em seu saber, em seus saberes. Nem mesmo os consagrados. Estes são consagrados apenas em suas posições de comando e de poder, nada muito diferente disso. Tudo o mais está sempre por ser negociado a cada vez. De forma que os consagrados e os siderados são também quase que invariavelmente grandes ressentidos.

Na Universidade, no fundo, ninguém tem valor. Absolutamente ninguém tem valor. E se o tem por um momento, será preciso reiterá-lo em outro, o que é sempre uma aposta com resultados indefinidos.

Por outro lado, numa outra dinâmica, comparece também o que eu chamaria de um *resto*, totalmente heteróclito com as mais diferentes gamas de ação e de inação dentro da Universidade. Dentre esse resto, muito heterogêneo, estão os profissionais mais instigantes que já conheci, os únicos, para falar do nosso campo singular dos Estudos da Tradução, verdadeiramente dignos de se chamarem tradutores, por traduzirem no corpo a corpo de sua própria vida os efeitos do trabalho com a letra. Os únicos em cujas margens de ação a letra insiste.

Neste momento, me lembro particularmente de um fragmento de leitura que me mobilizou bastante, o prefácio à última obra de Antoine Berman (1995), assinado por sua mulher, Isabelle, descrevendo seus últimos momentos:

Antoine Berman morreu com quarenta e nove anos, em 22 de novembro de 1991. Ao longo dos três meses durante os quais sua brutal doença o devastava, ele escreveu este livro, dia e noite,

sem trégua. Escrevia em cadernos escolares, com uma escrita fina e precisa, num canto da mesa da sala de jantar, rodeado por seus filhos, numa concentração extrema. No hospital, ele não se deitava, transformando seu leito numa extensa coberta de livros e papéis. À medida que avançava em seu trabalho, ele retomava seu texto em novos cadernos e me pedia para jogar fora os cadernos anteriores. Foi dessa forma que nasceu este livro: em sete cadernos escolares, em espiral, com uma capa escocesa azul e vermelha. [...] Por vezes, Antoine me lia passagens que acabara de escrever. Ele o fazia também para os amigos que o visitavam, no hospital, ou em casa. Eram leituras em voz alta – mas eu ainda não sabia a que ponto essa voz ressoaria no livro. [...] Nós o escutávamos, tomados pela voz da escrita e em sua permanência. As palavras que ouvíamos desmantelavam a fortaleza médica. O poeta nunca fica doente (BERMAN, 1995, p. 10).<sup>1</sup>

Que diferença brutal em relação a quase tudo o que fazemos em nosso dia a dia na Universidade...

Pessoalmente, sempre escolhi para mim um lugar à margem, deliberadamente à margem. Os lugares de consagração nunca exercearam sobre mim nenhum tipo de fascínio. Tampouco fiz do ressentimento uma arma contra mim mesma e contra colegas que fizeram opções diferentes das minhas. Sempre levei à consequência o fato inexorável de que minhas escolhas teriam efeitos diretos em minha vida pessoal e profissional.

É por isso que reivindico para mim, neste momento do meu percurso, momento em que inicio um novo projeto de pesquisa, de que nada sei, projeto totalmente novo, o direito de tatear, de experimentar, de propor trabalhos sem grande alçada de inteligência, mas nos quais, ao longo, vou me encontrar de alguma forma, e certamente fazer disso algo que redunde em minha experiência de vida e em minha história na universidade.

Nesse sentido, estou num momento inconveniente também pela completa inopportunidade do tema de pesquisa com que venho trabalhando este ano: a Tradução Juramentada.

Escolhi a dedo um campo de pesquisa que vai desinteressar tanto aos tradutores públicos quanto aos pesquisadores universitários. Aos tradutores públicos, por não ter uma visada pragmática que uma pesquisa em terminologia, por exemplo, teria. O que posso vir a propor seria para eles discutir sexo dos anjos demais. Não saberão o que fazer, não verão utilidade alguma no tipo de reflexão que poderei propor.

No âmbito da Universidade, ao contrário, eu estaria discutindo pouco demais sexo dos anjos, e me adentrando num campo desértico, vota-

<sup>1</sup> Tradução minha.

do aos práticos, sem nenhuma possibilidade de qualquer voo teórico. Bem próprio a não ser inteligente.

Porém, fico imaginando que deve haver lugar para algo outro. Outro tipo de posição, outro tipo de postura, outro tipo de crítica universitária, menos pretensiosa, menos desqualificadora, menos demolidora, que, hoje, já existe, mas que comparece muito pouco, fazendo parte daquele resto de que falei. Fico imaginando que temos de tomar alguma distância para não nos levarmos tão a sério, para que, de fato, possamos nos levar a sério.

Quero o direito de ser mediana, de não ser inteligente o tempo todo, de ser alguém sem nenhuma ambição acadêmica ligada a lugares e posições de prestígio na área, sem absolutamente nenhuma produção de grande inteligência e de relevância para a área. Sou uma analítica que está aprendendo que, se ela deixar falar a descritividade, superficialmente, bem assim em sua superfície, sem recorrer aos aparatos teóricos inteligentes e de reconhecida respeitabilidade, ela poderá, talvez, encontrar lugares com um outro tipo de inteligência, menos exibida, menos espetacular, mas que certamente terá a chance de lhe interessar muito mais nesse momento.

Quero, sobretudo, jamais ser reconhecida sob a égide daquilo que canonicamente representa a inteligência universitária. Sou alguém cuja grande ambição é não ser nada demais na Universidade. E posso assegurar, essa é, no quadro em que vivemos hoje, uma enorme ambição.

Essa crítica que faço aqui hoje não está fechada, com os poros obstruídos impedindo a ventilação das células, orgulhosa de si mesmo, como costuma ser a crítica acadêmica. Essa crítica aspira a que críticas lhe sejam dirigidas, para não se deixar empertigar no lugar comum da anticritica que, no fundo, só almejaria tomar o lugar da crítica dominante.

Quero igualmente me dar ao luxo de ter tempo, de não ter meu tempo e minha libido suturados pela mecânica da Universidade. Recentemente, circulou na internet uma petição defendendo o movimento *slowscience*, assinada por Joël Candau, Doutor em Etnologia, professor do Departamento de Sociologia e Etnologia da Universidade de Nice-Sophia Antipolis, traduzida por Janaísa Viscardi da Unicamp.

Esse manifesto bastante pertinente em toda a sua argumentação, fazendo um retrato muito fidedigno da atualidade acadêmica, nos convida a desacelerarmos, a libertarmo-nos da síndrome da Rainha Vermelha, lembrando-nos que essa corrida maluca, bem ao estilo da Penélope charmosa, para quem ainda consegue ter charme dentro da Universidade, resulta necessariamente em estagnação e mesmo em retrocesso.

Ele nos convida a subvertermos a ordem e, eu cito – pasmem –, ele nos convida a “olhar, pensar, ler, escrever, ensinar”. Vejam bem o paradoxo a que chegamos, quando um pesquisador universitário precisa brandir uma bandeira para que olhemos, pensemos, leiamos, escrevamos e ensinemos...

Ele salienta incredulamente que os professores que se dão ao direito de não estarem sobrecarregados e estressados são vistos como excêntricos, apáticos ou preguiçosos.

Um dos vários resultados dessa síndrome, uma das constantes nos trabalhos acadêmicos, hoje, é o fato de que, em princípio, fazemos trabalhos que, quando lidos, serão lidos por muito poucos. Produzimos textos de que, de antemão, sabemos que terão pouquíssimos leitores. Essa é uma das dominantes da produção universitária hoje. Se perguntarmos a cada um de nós aqui presentes, a começar por mim mesma, quantos artigos dos colegas cada um leu neste ano, talvez tenhamos vergonha de responder. Tudo isso em nome da grande inteligência produzida na Universidade...

Como vocês podem ver, querida Vivi, querida Maria Paula, tenho todas as razões para estar exausta desse marido... Este é, minhas caras amigas, o breve relato de minha crise conjugal. Espero não tê-las enfadado excessivamente com minhas queixas de mulher implicante.

Quero apenas ser pesquisadora no campo dos Estudos da Tradução. Renovar votos de amor e trocas instigantes com meu marido – a Universidade. Quero ser tradutora, dessas que traduzem em jeito singular os saberes e a ausência de saber com que vai se construindo. Mas para isso preciso aceitar errar, nas duas acepções do termo, para encontrar maneiras cada vez mais particulares de expressão e fazer desse gesto individual minha história de vida. Uma história por mim escolhida. Agrade os cânones acadêmicos ou não.

Que de tudo falte em meu percurso acadêmico, mas que – intérprete de mim mesma – eu tente sempre continuar sendo. Com todos os riscos a que estou sujeita.

Um beijo grande

## REFERÊNCIA

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

Submetido em: 24/04/2012

Aceito em: 03/08/2012